

Reflexos da migração na cidade

AM. 114

O processo de aglomeração urbana de Vitória surgiu com a chegada de um grande número de migrantes provenientes do interior do Estado, Sul da Bahia e Norte de Minas

O processo de aglomeração urbana de Vitória surgiu com a chegada de um grande número de migrantes provenientes do interior do Estado, Sul da Bahia e Norte de Minas, além de contar com a dispersão da própria população pelo município. Segundo pesquisa publicada pelo Instituto Jones dos Santos Neves, em 1987 a Grande Vitória abrigava 500 mil moradores aglomerados em 179 assentamentos subnormais, sendo 47 em Vitória, 25 em Vila Velha, 27 em Viana, 60 em Cariacica, 20 na Serra.

"Em 40/50 houve a crise do café, provocando a migração do campo, com a ocupação dos morros. Já em 1970, com os grandes projetos, houve a ocupação dos mangues. A CST, por exemplo, teve que trazer 30 mil trabalhadores para implantar a empresa. Depois essa mão-de-obra ficou desempregada.

"Por erros do passado, hoje temos grandes problemas. Em 40/50, por exemplo, houve a ocupação dos morros. Já a partir dos anos 70, aconteceu a ocupação de São Pedro. Atualmente 25% da população de Vitória mora nos morros e cerca de 45.000 pessoas moram na Grande São Pedro, desde o Bairro Re-

sistência até Estrelinha", lamenta o atual prefeito de Vitória, Paulo Hartung.

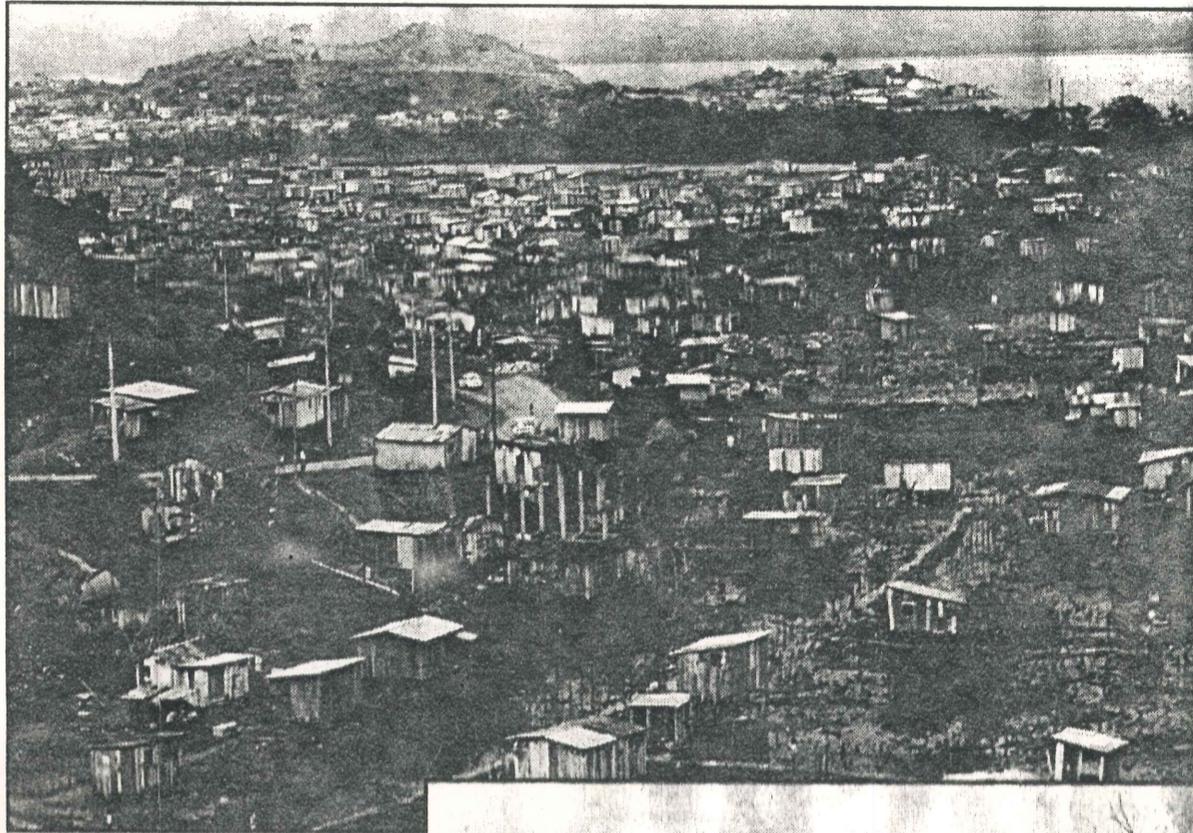
Reflexo desses fenômenos é que, se em 1900 Vitória tinha cerca de 40 mil habitantes, hoje existem 300 mil", comenta Paulo Hartung, ressaltando que uma das grandes prioridades de sua gestão é a urbanização dos morros e mangues.

ÔNUS

Segundo o professor da Ufes Roberto Garcia Simões, essa situação reflete o ônus social provocada pela migração desordenada. Ele acrescenta que isto aconteceu com as cidades selecionadas para construir pólos econômicos e sociais no Brasil pós-60 - "elas sofreram uma urbanização acelerada".

Garcia ressalta também que o processo de desenvolvimento gerado pela implantação desses grandes projetos - década de 70 - ainda não terminou. "Há uma formação de uma nova classe média, vinculada a esses grandes projetos", diz.

"Se fala que os culpados dos



bolsões de miséria foram os Grandes Projetos. Mas eles vieram depois. Na verdade, foram o resultado de uma migração da agricultura do Sul da Bahia. Os bairros São Pedro, Itanhenga, Sossego não surgiram nos grandes projetos. Foram depois. Foi gente que se deslocou do interior para a cidade. Houve uma influência sim dos grandes projetos, mas não na dimensão que querem dar. A concentração foi natural. Aliás, se a culpa é dos grandes projetos, por que não se formaram bolsões de miséria no município de Aracruz após a instalação da indústria?", defende o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), José Bráulio Bassini.



Em busca de emprego, famílias inteiras deixaram o interior e passaram a ocupar morros e favelas da Grande Vitória

Parceria vai garantir emprego

Provérbio popular diz que gato escaldado tem medo de água fria. Nos negócios, esta crença é levada bastante a sério. Prova disso é que o governo do Espírito Santo, através do Serviço Nacional de Emprego (Sine), está desenvolvendo uma parceria com as empresas interessadas em abrir novos empreendimentos ou ampliar sua capacidade a fim de evitar uma problemática gerada pela migração desordenada e pelo desemprego. A estratégia é priorizar a contratação de mão-de-obra local.

"O objetivo é evitar um impacto sócio-negativo, com formação de bolsões de miséria, como ocorreu no período de implantação dos Grandes Projetos. Na verdade, não podemos dizer que foram os Grandes Projetos que provocaram esse caos social. Foi a falta de organização na chegada dessa mão-de-obra", afirma o coordenador estadual do Sine, Jorge

Alexandre da Silva.

Segundo ele, já foram mantidos entendimentos com a Samarco, a Aracruz, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Com sua ampliação em Anchieta, a Samarco foi a primeira empresa a assinar o convênio, em 11 de agosto último, para cadastramento de trabalhadores, inclusive com a instalação de um posto do Sine naquele município.

TERCEIRIZAÇÃO

"O fato é que essas grandes empresas (CVRD, CST, Samarco e Aracruz) têm uma programação de investimento de R\$ 1 bilhão no Espírito Santo até o ano 2000", afirma o professor da Ufes Roberto Garcia Simões. Para ele, a ampliação de negócios e o processo de terceirização - com dispensa de funcionários - já

iniciado por essas empresas deverão provocar a geração de novos empregos, principalmente no setor serviços, e de micro e médias empresas.

De acordo com o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), José Bráulio Bassini, houve uma redução de 25% a 50% de pessoal com a terceirização implantada pelas grandes empresas. "Antes da terceirização, CST, Aracruz, Vale do Rio Doce (como um todo) e Samarco somavam

aproximadamente 30 mil empregos. Já o pólo de confecções - incluindo Vila Velha e Colatina - empregavam cerca de 20 mil. Atualmente o pólo e as quatro empresas somam em torno de 40 mil", diz Bassini.

Mas para o Roberto Garcia, o desafio agora é descobrir em que medida o desemprego estrutural provocado pelas mudanças técnico-gereciais poderá ser compensado pela criação de pequenas e médias empresas. "Haverá capacidade de absorção desse contingente de trabalhadores desempregados?", questiona Garcia.

Outro fator importante, de acordo com o professor, é analisar como as empresas exportadoras, beneficiadas tributariamente pelo governo, podem contribuir para minorar os problemas sociais existentes no Estado.



Roberto Garcia, da Ufes: processo ainda não terminou